

Apontamentos para uma filosofia de ensino da língua materna

Some notes towards a philosophy of mother tongue teaching

José Carlos de Azeredo*

Resumo

A maioria dos educadores compartilha a opinião de que o sucesso de qualquer projeto pedagógico depende essencialmente de que os estudantes sejam capazes de ler e escrever com razoável destreza. Esta competência deve ser cultivada ao longo de toda a vida escolar e pode ser contínua e eficientemente estendida por meio da reflexão sobre a natureza simbólica da linguagem e do debate sobre as relações entre a construção dos textos e seus objetivos comunicativos. O presente artigo ratifica este ponto de vista e ilustra uma abordagem do texto destinada a mostrar como a linguagem constrói a significação no diálogo.

palavras-chave: Língua. Ensino. Leitura.

Abstract

The majority of educators share the opinion that the success of any pedagogical project depends crucially upon the students' competence in reading and writing. This competence must be cultivated along the whole school life and may be continuously and efficiently increased by means of reflecting about the symbolic nature of language and discussing the relationships between the construction of texts and their communicative aims. The present article argues in favor of this point of view and offers an analysis of means by which language construes meaning in interaction.

keywords: Language. Leaching. Reading.

* Professor associado (UERJ/CNPq/FAPERJ). E-mail: jc.azeredo@terra.com.br

Língua – um dom natural?

A naturalidade com que, aparentemente, se processa a comunicação verbal entre as pessoas mascara as complexidades profundas que regem o funcionamento da linguagem humana. Falar parece não exigir qualquer esforço especial além da energia muscular necessária para produzir os sons vocais que se combinam para materializar os pensamentos. Essa aliança entre som e ideia parece tão natural, que ficamos perplexos quando vemos outras pessoas se entenderem por meio de sons tão diferentes dos de nossa língua materna. Para a maioria das pessoas, a língua é um dom prático que elas utilizam sempre que precisam ou simplesmente quando desejam. A própria vida em comunidade, improvável sem a presença da palavra, é vista como inerente à natureza humana, e não como produto de atos e empreendimentos criativos dos seres humanos ao longo da história.

O que move as linhas deste ensaio é o propósito de reafirmar a importância da palavra como eixo de qualquer projeto educacional, uma vez que é na posse e no exercício da linguagem que se reconhece o traço essencial do modo humano de ser. O estudante pode dar um salto qualitativo nos planos intelectual e cultural a partir do momento em que transcender a condição meramente instrumental da língua e se tornar capaz de compreendê-la como forma de conhecer, de ser e de atuar no mundo. A partir desse momento, a língua deixa de ser mera herança que se impõe aos indivíduos como membros da comunidade, e se põe a serviço de suas escolhas e de sua capacidade de criar. É nesse momento que nos fazemos seres humanos na plenitude dessa expressão.

Cada qual e sua língua

Não é comum que qualquer pessoa pare para refletir sobre o que a palavra faz por ela em um único dia de sua vida. Com exceção dos filósofos, dos poetas, dos linguistas e ainda de alguns excêntricos, ninguém se deslumbra diante do enigma da linguagem. Na concepção do senso comum, a linguagem é tão só um ingrediente do nosso cotidiano, em nada distinto das ‘aptidões naturais’ do nosso corpo, com nada de especial se comparada aos cinco sentidos ou à capacidade de alternar o movimento das pernas para caminhar. Embora transcorra normalmente com a mesma naturalidade com que caminhamos ou percebemos a diferença entre um líquido amargo e outro doce, a comunicação verbal tem particularidades que a distinguem radicalmente das ‘aptidões naturais’.

Tente fazer uma relação das situações cotidianas em que você se serve da palavra para a comunicação. Você pode imaginar essas situações como episódios da história de um dia: esses episódios ligam-se entre si pelo simples fato de que você é personagem de todos eles. Em cada episódio você se relaciona com outros personagens. Cada um deles, assim como você, tem alguma função na trama geral da história de cada dia, seja falando, seja ouvindo: ora é você quem toma a iniciativa de dizer algo, ora é outra pessoa que lhe dirige a palavra. Pode ser um cumprimento, um chamado, um aviso, um pedido, uma pergunta, uma resposta, um comentário; enfim, uma variedade de atos comunicativos integrados na respectiva situação.

Em algumas situações – como numa conversa entre amigos – qualquer participante pode propor um assunto, e o rumo da conversa pode ser imprevisível, com uma ideia puxando outra e todos os participantes com a mesma liberdade para tomar a palavra. Em outras situações, porém, seguimos normas mais rígidas, com atos comunicativos impessoais e previsíveis.

Vamos pensar em duas dessas situações: uma entrevista de candidato a um emprego e a compra de itens para o café da manhã em uma padaria. A entrevista típica se desenrola como um diálogo entre interlocutores com papéis bem diferentes: um entrevistador – que tem o comando do curso da interlocução, com poder de fazer perguntas e decidir o momento de encerrá-la – e um entrevistado, a quem compete dar respostas. Já a situação da padaria tem outro perfil: a primeira palavra pode ser do balconista (algo como ‘O que o senhor deseja?’, ‘Pois não.’ ou ‘Pode falar/dizer.’) ou do freguês (algo como ‘O pão francês tá quentinho? Vê quatro pra mim, por favor.’); do outro lado, o balconista pode ainda fazer alguma consulta (algo como ‘Moreninhos/torradinhos ou branquinhos?’) e em seguida perguntar: ‘Deseja mais alguma coisa?’. Resumindo, podemos dizer que qualquer ato de comunicação é necessariamente uma forma de comportamento social, e as formas utilizadas pelos interlocutores revelam a imagem que estes fazem da situação interativa.

Nas seções seguintes, vamos abordar alguns pontos característicos do que faz da língua que falamos um traço que nos distingue no universo dos seres animados: a ‘natureza humana’. O que chamamos de natureza humana não é muito simples de definir, pois ela não está numa coisa só, mas em uma variada quantidade de aspectos que são exclusivos do modo de ser e de viver dos seres humanos. Um desses aspectos – e a nosso ver o principal deles – é o uso de um sistema especial de sons para a comunicação. Ou seja, a posse de uma língua,

dom que vai muito além de um simples ‘traço a mais’ na composição de nossa natureza.

Língua – um bem exclusivo do ser humano

Na seção anterior, fizemos referência ao uso de sons comunicativos como algo natural entre as pessoas. É verdade, no entanto, que há no reino animal muitos seres que se comunicam com outros da mesma espécie por meio de sons. Entre os mais conhecidos estão a maioria das aves, os macacos e – é claro – as pessoas. Todos são naturalmente dotados de recursos para produzir sons comunicativos, mas há uma diferença importantíssima entre os sons produzidos por bem-te-vis ou chimpanzés e os sons orais empregados pelo ser humano. Somente os sons orais humanos formam o que chamamos de *língua*.

A comunicação entre aves ou entre macacos ocorre exclusivamente de acordo com uma herança biológica. Isto é, os animais são regidos por um programa genético da respectiva espécie: a comunicação que realizam cumpre basicamente três funções, relacionadas ao chamado instinto de sobrevivência e de preservação da espécie: defesa, alimentação e procriação. Noutras palavras, os animais se comunicam, mas não fazem isso por escolha nem, tampouco, se orientam pela vontade. Em suma, não praticam atos comunicativos como pedir licença, pedir desculpas ou despedir-se.

Já os atos comunicativos produzidos pelos seres humanos por meio de variados conjuntos de sinais – como as palavras – estão relacionados a acontecimentos socioculturais de que eles participam: cada pessoa se exprime e capta significados de acordo com o papel que tem – ou que se atribui – nesse acontecimento.

Afinal, o que é uma língua?

Compartilhamos a certeza de que a comunicação entre duas pessoas se realiza necessariamente por meio de sinais de tipos variados. Os sinais mais comumente empregados são os sons e os gestos (nestes incluídos os contatos físicos, como o aperto de mãos, e as variações expressivas do rosto), frequentemente combinados no mesmo ato comunicativo. Quando a substância utilizada na produção desses sinais é a voz humana, o conjunto estruturado deles recebe o nome de **língua**. Há muitos critérios para conceituar **língua**. Vamos

começar pela característica mais evidente de qualquer língua, pelo menos para seus usuários: sua função social na vida cotidiana.

O primeiro critério, que chamamos *interacional* ou *sociocomunicativo*, dá conta da face mais óbvia de uma língua: sua utilidade como meio de interação humana. Podemos dizer, no entanto, que esta é uma característica eminentemente externa de uma língua, a face pela qual ela se manifesta, o que não quer dizer que seja sua propriedade mais essencial. A função comunicativa é, na verdade, o “produto final”, a concretização de uma série de outras propriedades da língua, com certeza menos óbvias, mas que fornecem as condições indispensáveis ao sucesso da função comunicativa. A identificação dessas outras propriedades por assim dizer latentes ou menos óbvias passa por três critérios, que chamaremos *cognitivo*, *estrutural* e *antropológico*.

Do ponto de vista da psicologia cognitiva, uma língua é uma forma de organização e de expressão de nosso conhecimento do mundo. Segundo esse critério, a língua é um filtro, um sistema de catalogação de nossa experiência do mundo e um meio de processar e enquadrar a realidade – e de produzir a fantasia – em categorias, a fim de transformar tudo que possa ser concebido pela mente humana em assunto de nossas conversas, de nossos textos.

Em termos estruturais, uma língua é um complexo sistema que rege a associação entre significantes e significados na produção de signos. Os significantes correspondem à parte sensível, ao material sonoro ou gráfico, e os significados são os conteúdos, as ideias, os conceitos correspondentes. À associação dessas duas faces dá-se o nome de ‘signo linguístico’. Uma palavra (ou uma parte dela provida de significado), uma frase, um longo texto são signos.

Do ponto de vista da antropologia, por fim, uma língua é um sistema de comunicação criado pelos seres humanos ao longo de sua história como seres organizados em sociedade. Ela é, portanto, um bem cultural – assim como as artes, as profissões, os esportes, o vestuário etc. –, com uma importante diferença em relação aos demais bens culturais: a língua acompanha o ser humano desde que ele nasce e modela, ao longo de sua existência, a forma pela qual ele conhece o mundo e faz desse conhecimento o assunto de suas interações com seus semelhantes. É principalmente por meio de uma língua que a cultura de um povo, sob a forma de conhecimento memorizado, se expressa e se dissemina na sociedade.

Essas definições revelam diferentes pontos de vista sobre a linguagem, mas são complementares entre si. De fato, uma língua é ao mesmo tempo um

instrumento de comunicação (ponto de vista social), um sistema (ponto de vista estrutural), um fato histórico-cultural (ponto de vista antropológico) e uma forma de organização do conhecimento das coisas (ponto de vista cognitivo).

As múltiplas tarefas comunicativas / interpretativas que constituem a vida em sociedade realizam-se por meio de enunciados/textos, que empregamos em contextos específicos. Não será excessivo insistir nesse ponto: a finalidade primeira de uma língua é tornar possível a comunicação entre as pessoas em situações interlocutivas específicas, em uma ocasião e lugar determinados. Para tanto, ela provê os usuários dos meios formais para a criação de enunciados/textos adequados a essas tarefas comunicativas. Esse fato óbvio autoriza a seguinte premissa: toda forma da linguagem é boa e perfeita na medida em que cumpre adequadamente a finalidade interativa que lhe compete.

Esse fato, inquestionavelmente verdadeiro, não nos dispensa de levar em conta o seguinte, que já ponderei em outro lugar:

o crescimento intelectual, social e cultural das pessoas se traduz na variedade e complexidade das formas pelas quais elas compreendem e expressam o mundo em que vivem. É para habilitar-se para essas novas experiências da vida sociocultural que cada um de nós precisa ampliar e aprofundar seu conhecimento da língua e de suas manifestações textuais. Os usuários de qualquer língua que se emprega em uma complexa variedade de contextos socioculturais, e assim serve a uma complexa variedade de fins comunicativos, deparam constantemente com autoindagações sobre a oportunidade e adequação de suas formas de expressão. De um modo geral, os ensaios que abordam a contribuição da linguística para a formulação de políticas pedagógicas e para a elaboração de materiais de ensino da língua dão destaque à importância do preparo dos professores para lidar com a variação da língua, porque é na compreensão do fenômeno da variação que está a chave para uma correta atitude diante dos “erros de linguagem”. Todo uso tem sua faixa de vigência, vitalidade e funcionalidade; o que varia é a amplitude de cada uma.¹

¹ AZEREDO, J. C. de. Ensino de português: fundamentos, percursos, objetos. RJ: Jorge Zahar, 2007. p. 27-8.

Por trás do fato óbvio que enunciamos antes da citação supra, há, portanto, um complexo conjunto de aspectos que só compreendemos bem quando observamos as outras três variáveis distinguidas e sucintamente formuladas mais acima.

O ensino da língua

A justificativa mais óbvia da relevância de qualquer programa de ensino/estudo da língua materna é o fato de que ninguém domina a própria língua em toda a complexidade de suas formas nem em toda a extensão de seus usos. Em qualquer etapa da aprendizagem, o usuário nativo da língua domina unidades e estruturas que são funcionais no âmbito de suas experiências de vida mental, social e cultural. A elaboração de um programa de ensino-aprendizagem e o conjunto das competências e atribuições do professor implicam, necessariamente, o propósito de ampliar e diversificar esse universo de experiências mentais, culturais e sociais.

Esta premissa geral sustenta a convicção de que é contraproducente abordar a língua como um conjunto aleatório de fatos a serem memorizados sem vínculo funcional com as situações de uso e com os textos pertinentes. De fato, a língua não é um rol de fragmentos de formas a serem consideradas certas ou erradas, mas um amplo sistema que abrange opções de uso. A política de ensino adequada é a que reconhece o papel social e comunicativo das formas e leva o estudante a dominá-las e selecioná-las de acordo com esse papel. Para tanto, o foco do ensino deve ser a articulação de três variáveis: as formas, os sentidos pretendidos e as situações comunicativas.

Particularidades de construção, tradicionalmente focalizadas em manuais que se propõem a ensinar “como escrever e falar corretamente o português” só passam a fazer parte de nossa competência linguística quando se tornam comunicativamente necessárias ou, pelo menos, quando o usuário se torna consciente da funcionalidade delas. O importante é que os usuários se tornem aptos a perceber o vínculo funcional entre a finalidade da atividade comunicativa, a situação de uso, o perfil do texto e sua construção léxico-gramatical.

A finalidade do ato comunicativo é um impulso espontâneo, e os interlocutores não precisam de qualquer instrução especializada para perceberem a situação; isso compõe nossa condição de seres sociais. O que cada um precisa aprender, de fato, abrange três ordens de conteúdos: a) as palavras

que convertem intuições algo difusas – ou mesmo insuspeitadas – em ideias e conceitos claros, b) os mecanismos que as combinam em frases bem urdidas e c) os procedimentos de textualização. Quando se tem isso, o gênero textual vem sem maior esforço, não importa se é um texto de horóscopo, uma carta de apresentação, um relatório de pesquisa ou uma receita de pudim. A melhor alternativa para quem precise eventualmente produzir um destes exemplares é que consulte o respectivo modelo.

A percepção intuitiva da integração dos componentes discriminados nas alíneas ‘a’, ‘b’ e ‘c’ acima faz parte de nossa condição de usuários da língua, e cada pessoa faz uso dessa percepção para ser bem sucedida nas tarefas comunicativas da vida prática. Ocorre, no entanto, que a ‘vida prática’, o cotidiano comunicativo das pessoas, não abrange todas as formas de expressão, e tampouco os gêneros textuais. Muitas dessas formas e modelos são inerentes ao exercício de determinadas profissões ou são exclusivos de situações comunicativas muito especiais ou solenes. Por isso, não são poucas as formas de expressão que precisam ser adquiridas, quase sempre em circunstâncias um tanto artificiais, de acordo com o projeto de crescimento intelectual, cultural e profissional de cada cidadão.

Compete à escola – não exclusivamente, mas preferencialmente – viabilizar essa conquista. É no espaço da escola, e graças ao trabalho dos agentes pedagógicos conectados por meio dela, que certos conhecimentos, competências e habilidades são ministrados metodicamente.

Penso que, para tanto, conquistada pelos estudantes a competência básica na leitura e na escrita, a melhor maneira de dar continuidade ao ensino da língua consiste em transformar a intuição em conhecimento explícito, sensibilizando os alunos para a reflexão sobre a integração dos aspectos componentes do processo de intercompreensão pela palavra. E aí que o trabalho com o texto se torna uma experiência de leitura que consiste em tomar consciência dos procedimentos responsáveis pela significação.

As estratégias da interação verbal

Vamos observar e conferir, na historinha relatada ao longo do texto a seguir, alguns aspectos da linguagem humana conforme a caracterizamos até agora. O texto será dividido em três partes, para tornar o comentário mais claro:

O RATO E O CANÁRIO

Homem com fome, o que é comum; sem comida para satisfazer sua fome, o que também não é raro. Aparência modesta, mas digna; barba por fazer; cara de necessidade. Levava uma sacola. Passou pelo restaurante também modesto, com qualquer coisa de simpático – a cor das paredes, talvez – e entrou. Foi direto ao gerente, na caixa:

– Desculpe... Se lhe disser que há cinco dias eu não como propriamente, só estarei falando a verdade. Mas o senhor não vai acreditar.

– *Por que não?*

– *Sinto que é compreensivo.*

– *Também já passei dias sem levar um bocado à boca, e sei que não é nada divertido.*

– *Então eu queria lhe pedir...*

Não precisou explicar. O gerente chamou o garçom:

– *Sirva alguma coisa a esse senhor. Por conta da casa.*

E voltou-se para o recém-chegado:

– *Hoje é o meu dia de ajudar o próximo. Aniversário da minha santa mãezinha, que Deus tenha.*

O homem sentou-se, comeu lentamente, saboreando o prato simples que uma senhora desconhecida e falecida lhe despachava do céu. (FIM DA PRIMEIRA PARTE). Acabando, voltou à caixa:

– *Claro que não posso lhe pagar, o amigo sabe. Mas agradecer de coração, isso eu posso.*

– *De nada, ora essa.*

– *Mas não vou embora sem lhe provar de alguma maneira minha gratidão. Tenho aqui uma curiosidade, que o senhor vai apreciar.*

Tirou da sacola um piano minúsculo e um ratinho, e disse a este:

– *Toca, Evaristo.*

Evaristo não se fez de rogado, e executou um trecho de Pour Elise com bastante sensibilidade.

– *É fantástico! – exclamou o gerente. – Nunca vi coisa igual.*

– *Tem mais. O senhor ainda não viu o meu canarinho.*

Surgiu da sacola um canário-da-terra, dócil à convocação.

– *Aquela modinha, Sizenando.*

Com acompanhamento de piano por Evaristo, Sizenando atacou É a ti, Flor do Céu, arrancando discreta lágrima do gerente.

– *Que beleza! Mas o senhor, não leve a mal eu perguntar, com esse tesouro nas mãos, precisa viver desse jeito?*

– *Ah, meu amigo, não posso, não devo explorar esses inocentes. Como é que iria mercantilizar os dons do Evaristo e do Siza, que considero meus filhos, de tanto que eu gosto deles?*

Diante do gerente boquiaberto, o homem retirou-se com a sacola e seu conteúdo. Foi andando pela rua. (FIM DA SEGUNDA PARTE)

De repente estacou, preocupado.

– *Eu não devia ter feito isso com um cara tão generoso, que me matou a fome.*

Voltou ao restaurante, onde o gerente o recebeu com surpresa:

– *Esqueceu alguma coisa? Não vai me dizer que, cinco minutos depois, está novamente com o estômago vazio? Ou pensou melhor, e quer vender os dois artistazinhos e mais o pianito?*

– *Nada disso. Vim por uma questão de consciência.*

– *Como disse?*

– *Questão de consciência. O senhor foi tão legal comigo...*

– *E daí?*

– *Daí que eu não tinha o direito de fazer o que fiz.*

– *E que fez o amigo senão me regalar com o seu par de artistas que me fizeram subir água aos olhos?*

– *Por isso mesmo. O senhor se comoveu com a audição, mas não é justo que continue iludido num ponto fundamental.*

– *Cada vez percebo menos. Desembuche, homem!*

– *O seguinte. Eu enganei o senhor. O Siza não canta coisa nenhuma, é um*

canário bobo, faz aquela figuração toda, mas quem canta mesmo é o Evaristo, que é ventríloquo!

Este caso me foi contado por amigo merecedor de crédito, mas fico na dívida se não será criação de algum escritor, adaptada ao modo de ser carioca. Neste caso, que o autor me perdoe o avanço em sua obra.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boca de luar*. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 97-99)

As partes em que dividimos o texto acima correspondem a três cenas, que comentaremos em seguida: a primeira vai do início até ‘lhe despachava do céu’; a segunda começa em ‘Acabando, voltou à caixa’ e vai até ‘Foi andando pela rua’; a terceira começa em ‘De repente estacou’ e termina em ‘que é ventríloquo’.

O primeiro parágrafo do texto apresenta alguns dados caracterizadores do fato que aí é relatado: o cenário está montado e seu principal personagem entra em cena. Ele tem fome; este é o motivo da seqüência inicial de suas ações: *entrar* no restaurante, *dirigir-se* ao gerente e *comunicar* que está com fome. Poderia começar dizendo ‘O senhor pode me dar um prato de comida?’, mas preferiu uma abordagem menos direta, que lhe pareceu mais adequada para levar o gerente a sentir pena dele (‘Desculpe... Se lhe disser que há cinco dias eu não como propriamente, só estarei falando a verdade.’).

Temos aí uma característica fundamental da comunicação humana: a possibilidade do emprego de formas diferentes de expressão para dizer a mesma coisa ou dar o mesmo recado.

Ao escolher uma forma de expressão entre alternativas possíveis, fazemos mais do que dizer alguma coisa ao nosso interlocutor; também passamos para ele uma imagem que dá o tom do nosso relacionamento naquela situação (intimidade ou distância, polidez ou grosseria, confiança ou insegurança, humildade ou prepotência, interesse ou indiferença, satisfação ou aborrecimento etc., etc.). Nossas escolhas indicam como seremos percebidos por quem nos lê ou escuta e modelam o relacionamento que se estabelece entre os personagens do evento comunicativo.

Voltando ao exemplo em questão, percebemos que o pobre homem tem um trunfo poderoso (o canário e o ratinho que encantariam o gerente), mas se mostra humilde e submisso. Percebendo que a tática está dando certo, prefere recorrer ao poder de sedução da linguagem: ele elogia o gerente ('Sinto que é compreensivo') e é cauteloso na solicitação (não diz 'eu quero', mas 'eu queria'). O trunfo ficaria para o momento de agradecer, caso fosse atendido. E tem sucesso.

Observemos agora a fala do gerente. Ele não apresenta nenhuma desculpa para se livrar logo do homem que lhe pede um prato de comida, mas, ao contrário, é atencioso e receptivo ('Por que não?'), e pratica um ato generosamente humano ao proferir a ordem ('Sirva alguma coisa a esse senhor. Por conta da casa.'). Seu papel de gerente do restaurante lhe dá autoridade para isso, mas ele abre o coração e justifica seu ato com a revelação de um fato particular e íntimo ('Hoje é o meu dia de ajudar o próximo. Aniversário da minha santa mãezinha, que Deus tenha.').

Vamos percorrer agora a segunda parte do texto. É o momento em que o homem decide retribuir a generosidade do gerente. Entram agora em cena o rato e o canário. Observemos bem o seguinte: o homem, que antes era um simples faminto dependente da caridade alheia, agora faz coisas que deixam seu generoso benfeitor maravilhado (É fantástico! – exclamou o gerente. – Nunca vi coisa igual.), e passa a controlar a situação.

Comparemos as frases ditas pelos dois personagens nas duas cenas; podemos verificar que os papéis se inverteram. O homem conquistou a simpatia do gerente, que está simplesmente fascinado com o que vê. A linguagem do gerente é agora cheia de exclamações de entusiasmo. E qual é agora o comportamento do homem? Age como dono da situação, dando ordens e fazendo promessas ('Toca, Evaristo.', 'Tem mais. O senhor ainda não viu o meu canarinho.', 'Aquela modinha, Sizenando.'). Com tanto poder nas mãos, que poderia lhe dar fama e dinheiro, prefere, porém, continuar na sua vida simples, por amor aos bichinhos ('Ah, meu amigo, não posso, não devo explorar esses inocentes.').

Passemos agora à cena final. Na rua, ao dizer consigo mesmo 'Eu não devia ter feito isso com um cara tão generoso, que me matou a fome', o homem revela sincero arrependimento por ter enganado uma pessoa tão boa, e retorna ao restaurante para confessar seu erro e pedir desculpas. Por se mostrar arrependido, aparentemente a atitude do homem é outra vez de humildade, mas

a situação da terceira cena é radicalmente diferente da primeira; no início, o gerente adivinha o pensamento de seu interlocutor e tudo acaba bem. O diálogo, agora, vai mostrando um conflito entre o que o homem quer dizer e o que o gerente está disposto a compreender.

A comunicação entre os dois fica impossível, mas o leitor vai sendo preparado para a revelação de algum truque armado pelo homem: talvez ele mesmo fosse um ventríloquo ou estivesse usando uma gravação escondida. Qualquer dessas explicações acabaria com todo o encanto da história. Acontece que a explicação finalmente dada contraria qualquer previsão, seja do gerente, seja do leitor. A atitude do homem revela que seu arrependimento e humildade eram apenas disfarces para aumentar a surpresa do desfecho, que ele tempera com um espirituoso toque de humor (‘quem canta mesmo é o Evaristo, que é ventríloquo!’).

As três cenas que compõem a história que acabamos de ler e comentar dão ótimos exemplos de como a linguagem participa dos acontecimentos sociais e de como ela serve de termômetro das relações humanas. Vimos que os dois personagens mudam de papéis quando muda a cena; ora é um que tem o comando da situação, ora é o outro. O que procuramos destacar por meio dos comentários é que essa mudança de papéis tem um efeito imediato na maneira pela qual cada personagem se expressa.

Resumindo

Entendida como a soma de seus usos, a língua constitui a mais poderosa “engenharia simbólica” à disposição do ser humano. Valemo-nos dessa engenharia tanto para dizer um previsível e elementar “Parece que vai chover” quanto para escrever uma reportagem, um ensaio filosófico ou um poema lírico. A frase banal e a reportagem buscam uma correspondência entre o discurso e o fato. O ensaio filosófico e o poema lírico, por sua vez, inventam a realidade de que falam. Nossa tarefa, como linguistas e como professores de língua, presentes e futuros, é promover a compreensão do papel comum da palavra na construção dessas duas classes de textos. A palavra é, em qualquer caso, uma forma de construir significado, quer quando está a serviço da comunicação de uma experiência do cotidiano moldada pela bitola do senso comum, quer quando sua função é abrir caminhos que produzem fissuras na superfície da realidade imediata, abalando certezas e projetando-nos em outros universos de

significação. Para apreender a palavra como forma de construir significado, é preciso ir além de sua utilidade como simples instrumento de comunicação e passar a tratá-la como objeto de observação, de reflexão e de análise. Cabe ao professor, portanto, levar o aluno à percepção e compreensão de que a palavra desempenha múltiplos papéis em nossa vida, e que os horizontes de nossas experiências simbólicas se ampliam na mesma medida em que se ampliam nossos recursos de expressão. A educação linguística e literária – que propicia a compreensão do funcionamento da linguagem no contexto da cultura e provê o estudante de recursos que ampliam sua capacidade de exprimir e de captar conteúdos – é o passaporte que lhe permite transitar conscientemente pelo mundo dos textos.

Referências

- FONSECA, Fernanda Irene. Ensino da língua materna: do objecto aos objectivos. In: _____. *Gramática e pragmática: estudos de linguística geral e de linguística aplicada ao ensino do português*. Porto: Ed. Porto, 1994. p. 117-131.
- FRANCHI, Carlos. Mas o que é mesmo ‘gramática’? In: POSSENTI, S. (Org.). *Mas o que é mesmo “gramática”?* São Paulo: Parábola, 2006. p. 11-33.
- ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Ensino de língua e vivência de linguagem*. São Paulo: Contexto, 2010.